

Cego em tiroteio

ELIANE CANTANHÊDE

BRASÍLIA — O empresário e animador de auditórios Silvio Santos estava sendo apresentado a figuras ilustres do seu então partido, o PFL, quando cometeu a sua primeira gafe político-partidária: cumprimentou o chefe de gabinete do Ministério do Interior, João Barreto, como se fosse o ministro João Alves, anfitrião daquele encontro em que Aureliano Chaves renunciou em favor de Silvio, para renunciar à renúncia no dia seguinte.



Se Silvio Santos não conhece o ministro do Interior, que já foi também governador de Sergipe e é figura até costumeira nos telejornais, imagine-se sua dificuldade para transitar entre os políticos em geral e os do seu novo partido, o PMB, em particular. Por isso, há quem, entre os articuladores indiretos de sua candidatura, agora já aposte numa nova renúncia nessa confusão toda: desta vez, não a de Aureliano, mas do próprio Silvio Santos.

Naquela mesma noite do dia 18, na casa do ministro do Interior, Silvio Santos já teve uma boa idéia do buraco onde começava a se meter. Aureliano já admite em bom e alto som abdicar da candidatura em favor de Silvio, quando se levantou para ir ao banheiro. Deixou assim seu quase substituto exposto a uma aula sobre campanhas eleitorais. O senador Divaldo Suruagy teve um prazer quase mórbido em descrever assassinatos políticos em Alagoas; o ministro João Alves lembrou que nem a honra das famílias escapam e citou até o caso de um velho líder político de Sergipe que abandonou a vida pública por, simplesmente, ter um filho homossexual.

Ao fim, João Alves disparou a pergunta-chave: "Você tem cer-

teza de que quer se candidatar?" A resposta de Silvio foi de quem não é nenhum ingênuo, mas apenas escaldado em outras panelas: "Eu fui camelo, não se esqueçam. Desde que eu fugia dos 'rapas', aprendi a me virar muito bem". Conversa, enfim, de candidato à Presidência da República...

O próprio Silvio esquentara a conversa, logo no início, ao descrever os quatro encontros que tivera com outro público do PFL à época das prévias que resultaram na eleição de Aureliano como candidato do partido. Foram encontros com os senadores Marco Maciel (PE), Jorge Bornhausen (SC) e José Agripino Maia (RN), que sempre buscaram uma alternativa contra Aureliano e jogaram suas fichas em Silvio.

Na época, ele não foi candidato simplesmente porque não quis. No jantar, tentou uma explicação ética: "Se fosse para disputar contra o Aureliano, eu me desfiliaria do PFL". Em frente a ele, à mesa, o próprio Aureliano cutucava o deputado Francisco Benjamin (BA), a quem cochinchava com raiva: "Traidores, traidores".

Logo depois do jantar, o presidente do partido, Hugo Napoleão, consultou todos os membros da Comissão Executiva para saber da repercussão da troca de Aureliano por Silvio Santos. A aprovação seria unânime, não fosse o voto contrário do deputado Eraldo Tinoco, da Bahia e muito ligado ao ministro Antônio Carlos Magalhães. Esse apoio quase unânime, contudo, não seria e não é para valer. O próprio líder na Câmara, Ricardo Fiuza, aceitou as articulações, chegou a rascunhar o nome dos prováveis adeptos do PFL à candidatura de Silvio mas, no dia seguinte, depois de contatos com Antônio Carlos, já estava em Recife articulando a reação via Marco Maciel.

O PFL é um saco de gatos. O PMB nem isso é. A Justiça Eleitoral já sabe. Silvio Santos também. Ninguém descarta uma nova renúncia nessas idas e vindas de quem não tem para onde ir.